

Educação física como agente de inclusão de pessoas com deficiência

*Physical education as an agent for the inclusion of people with
disabilities*

*La educación física como agente de inclusión de personas con
discapacidad*

Bruno Cristino¹
Jaqueline Gonçalves Bonini Chasseraux²
Matheus Ferreira de Souza³

Resumo

O histórico da educação física no Brasil é extremamente excludente principalmente antes dos anos de 1980, podemos notar que a história da educação especial no país também sofre com o caráter exclusivista até o mesmo período, buscando esse paralelo o presente texto tem como objetivo entender como a educação física pode ser um poderoso agente de inclusão social atualmente, através de uma revisão dos textos já existentes na literatura e traçando comparativos entre eles surgiram pontos fundamentais para o debate como, a formação do professor de educação física, a importância das interações sociais nas aulas e o fato de termos um ambiente lúdico e propício para a construção de atividades que possam ter um aspecto democrático e que possibilite a participação de todos, superando suas limitações e contribuindo com suas experiências para a formação de todos em sujeitos críticos e com uma visão menos preconceituosa formando assim melhores cidadãos.

Palavras-Chave: Educação física. Inclusão. Pessoa com deficiência. Educação especial.

1 Mestrando da Unesp Rio Claro – SP, Professor de Educação Física da Rede Pública municipal em Santo André – SP

2 Mestranda da UNESP Bauru – SP Professora de Educação Física da Rede Pública municipal em Santo André - SP

3 Mestrando PROEF da Unesp Bauru – SP, Professor de Educação Física da Rede Pública municipal em Santo André – SP

Abstract

The history of physical education in Brazil is extremely exclusionary, especially before the 1980s. We can see that the history of special education in the country also suffers from an exclusivist character up until the same period. Looking for this parallel, the aim of this text is to understand how physical education can be a powerful agent of social inclusion today, the training of the physical education teacher, the importance of social interactions in class and the fact that we have a playful environment conducive to the construction of activities that can have a democratic aspect and enable everyone to participate, overcoming their limitations and contributing with their experiences to the formation of all in critical subjects and with a less prejudiced view, thus forming better citizens.

Key-words: Physical education. Inclusion. People with disabilities. Special education.

Resumen

La historia de la educación física en Brasil es extremadamente excluyente, especialmente antes de la década de 1980. Podemos ver que la historia de la educación especial en el país también sufre de un carácter exclusivista hasta el mismo período. Buscando este paralelo, este texto tiene como objetivo comprender cómo la educación física puede ser hoy un poderoso agente de inclusión social, la formación del profesor de educación física, la importancia de las interacciones sociales en el aula y el hecho de que tenemos un ambiente lúdico y propicio para la construcción de actividades que pueden tener un aspecto democrático y permitir que todos participen, superando sus limitaciones y contribuyendo con sus experiencias a la formación de todos los sujetos críticos y con una visión menos prejuiciosa, formando así mejores ciudadanos.

Palabras-Clave: Educación física. Inclusión. Personas con discapacidad. Educación especial.

INTRODUÇÃO

A educação física no Brasil tem sua inserção no currículo no ano de 1851 com a reforma Couto Ferraz, porém, realizada somente pelos garotos, apenas em 1882 as aulas foram ofertadas para ambos os sexos, e somente em 1920 essas leis foram de fato aplicadas, inicialmente nas escolas militares do Rio de Janeiro, durante muitas décadas a educação física possuiu um caráter higienista e militarista, onde a sobrepujança física e movimentações extremamente técnicas impossibilitavam a prática corporal de todos, se tornando assim uma prática excludente, onde apenas os mais desenvolvidos em habilidades motoras eram valorizados (DARIDO, 2003, p.1)

Segundo os achados do Coletivo de Autores (1992, p. 36) ainda nesse período as questões teóricas eram deixadas de lado sendo a educação física local de práticas e de treinamento do corpo para lutas e batalhas preparando os alunos para a guerra nesse momento as aulas serviam para selecionar indivíduos tidos como perfeitos, excluindo aqueles que não serviam para esse propósito.

As mulheres também tiveram sua boa cota de preconceito, durante anos foram impedidas de realizar determinados desportos por serem práticas masculinas, em outro momento foram estimuladas a treinarem os copos, pois, uma mulher forte gera filhos fortes, porém esses treinamentos possuíam limitações em 1941 um decreto onde proibiam-se as mulheres das práticas de lutas, futebol, polo aquático, halterofilismo entre outros que só foi revogado em 1979 (CASTELLNI FILHO, 2010, p.49).

Na década de 1960 se inicia uma fase tecnicista da educação, e a educação física não fica para trás, para Januário et al (2012) a matéria foi instrumentalizada e foi a partir de então que se inicia a vivência de desportos como ação promocional ao governo e com finalidade de formar campeões. Dessa forma novamente existe a exclusão daqueles que não atingem os objetivos das aulas.

Somente no início dos anos de 1980 que a educação física começa a ser pensada como um componente não só físico, mas, cultural e social, com o incentivo da pesquisa muitos autores começam a debater sobre temas até então inexplorados que deram subsídios para novas intervenções na área.

Daólio cita em seus achados que (2004, p.9) o profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo,

esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza.

Outro importante passo para a construção de uma educação física escolar mais forte e importante é a Lei de diretrizes e bases da educação (LDB) que em 1996 foi promulgada e em seu artigo 26 inciso 3º diz “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL,1996).

Esse mesmo período da história outro documento de grande relevância é assinado na Espanha, a Declaração de Salamanca em 1994 que garante que toda a criança deve ter acesso à educação e serem incluídas independentemente de suas diferenças ou dificuldades individuais, além de solicitar aos governos uma reestruturação da educação especial com investimentos, políticas públicas, formação, entre outros fatores (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

A declaração de Salamanca é ponto fundamental para a discussão de uma escola inclusiva no Brasil, afinal, como afirma Miranda (2008) até a década de 1950 não se falava em educação especial no país, somente na década de 1970 que as discussões começam a ganhar espaço, nas décadas de 1980 e 1990 temos avanços maiores com a constituição federal de 1988 que garantem a educação a todos incluindo as pessoas com deficiência e em 1996 com a Lei 9.394/96 que diz em seu artigo 58 do capítulo V que a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino.

Podemos afirmar que a escola é um espelho da sociedade, assim como na história da educação física, a história da educação especial perpassa por grandes momentos de exclusões, de pensamentos tecnicistas, de observar o outro como alguém a margem da sociedade e de institucionalização das pessoas com deficiência, passando ainda pela evidenciação das diferenças até alcançarmos os dias atuais, que embora ainda haja uma limitação no processo de inclusão podemos verificar uma evolução comparada a outras décadas

Nos estudos de Ropoli et al (2010, p.9) para que a escola comum se torne de fato inclusiva necessita primeiramente reconhecer as diferenças e que cada aluno possui sua especificidade e que no coletivo deve construir condições favoráveis para o aprendizado de todos, estimulando novas práticas pedagógicas e incluindo essas práticas no projeto

político pedagógico, para que todos possam ter a consciência do rumo que deve seguir dentro do ano letivo.

Este texto tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância da educação física para a inclusão social dos alunos, mesmo tendo um passado exclusivista principalmente com as pessoas com deficiência, apoiando-se na literatura já existente e traçando paralelos para formatar uma resposta consistente para esse tema.

METODOLOGIA

A pesquisa foi concebida a partir das inquietações sobre o tema recorrente das aulas do curso de pós-graduação em educação física e educação especial e teve um caráter qualitativo, como indica Gerhardt e Silveira (2009, p.34) a pesquisa qualitativa não se preocupa com as quantificações numéricas e sim compreender explicar e aprofundar os conhecimentos em determinado assunto.

Observando os achados de Gil (2022, p.41) dentre as possibilidades foi escolhida uma pesquisa de natureza básica a fim de aumentar o conhecimento relacionado ao tema além de investir em uma pesquisa exploratória com o objetivo de tornar o tema mais próximo e explícito para construção das hipóteses.

Por fim a pesquisa se trata de uma revisão bibliográfica que tem como fundamento para Marconi e Lakatos (2017, p.113) o levantamento do referencial teórico já existente com o propósito de confrontar com a própria literatura, potencializando os achados indicando contradições e auxiliando para que outros pesquisadores tenham um referencial mais aprofundado para suas pesquisas.

Após a definição dos métodos de pesquisa foram levantados os dados em livros, artigos científicos e acadêmicos além de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestros e teses de doutorado, em seguida houve a leitura desse material para realizar o referencial teórico e a discussão do problema de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o levantamento dos textos para leitura e relações foi realizada uma separação em subtópicos para uma melhor visualização, foram observados a formação dos professores em relação a inclusão, o jogo, o esporte e a cultura corporal do movimento como agentes de inclusão nas aulas de educação física e por fim o impacto da inclusão em todos os seus participantes.

Formação dos professores

Após décadas de exclusão, a partir da década de 1990 as escolas começam um processo lento de uma educação mais inclusiva, e é desse ponto que o trabalho parte em suas discussões, qual o impacto positivo as aulas de educação física podem ter para a inserção social do aluno com deficiência e quais os desafios de alunos e de professores para se adaptar a essa nova realidade inclusiva que visa a equidade e o desenvolvimento de todos.

Para Darido (2012, p.110) Frente à diversidade, não podemos mais pensar em uma única forma de Educação Física na escola, mas em uma Educação Física que esteja atenta às diferenças, identificando-as, reconhecendo-as e contemplando-as, no sentido de atendê-las, e não evidenciá-las. Não é possível dizer que há um método ideal da Educação Física que se aplique no processo de Inclusão. O professor sabe e pode combinar diversos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. A escola é povoada pelas diferenças que necessitam ser contextualizadas e trabalhadas pelos professores e professoras. Lidar com a diferença, sem transformá-la em desigualdade, é o grande desafio. A diferença não se confunde com a desigualdade.

No trecho acima Darido (2012, p.110) cita talvez a maior dificuldade dos profissionais de educação física em atender os alunos com deficiência, saber como identificar e planejar uma aula que respeite as diferenças sem que isso torne a aula desigual ou desinteressante para os demais alunos, com isso a formação constante dos profissionais é algo que deve ocorrer para poder melhor atender as necessidades de todos, corroborando com essa visão Fiorini e Manzzini (2014, p.394) relatam em seus achados que os professores de educação física observam falhas na formação acadêmica dos cursos de educação física, e na formação continuada oferecida pela gestão escolar, ainda contribuem dizendo que seria muito mais produtiva essa inclusão dos alunos se a experiência teórica viesse acompanhada de práticas e de palestras com pessoas com deficiência.

Ainda sobre formação Strapasson e Carniel (2007) defendem que a educação especial só teve evolução quando as leis foram definidas e sancionadas, e que com isso houve uma preocupação com a inclusão das disciplinas aos cursos de graduação e criação de cursos de pós-graduação além das capacitações profissionais e que é

necessária uma luta para a clarificação da importância de uma educação física na evolução dos seus participantes e na inclusão social.

Com isso as aulas de educação física devem ter todo o cuidado em seu preparo e organização desde a elaboração do planejamento até o ambiente e suas adaptações para que todos possam participar de maneira inclusiva e equitativa como afirma Ribeiro (2009, p.48):

Um dos desafios que se mostram no desenvolvimento da educação física inclusiva é a elaboração de currículos diferenciados, com conteúdos e metodologias que favoreçam a inclusão. É válido ressaltar que a não elaboração deste poderá vir a se tornar uma barreira no processo de inclusão.

O Jogo

As aulas de educação física têm características diferente das outras disciplinas por serem praticadas em ambientes mais amplos e a interação entre os alunos ser mais próxima além do lúdico e da diversão serem pontos que favorecem a integração entre os participantes como afirma Rocha et al (2009, p. 244):

A interação social se constitui, ao nosso ver, num espaço de construção e experimentação. Um lugar para que os sujeitos percebam o meio social e posicionem-se sobre as situações, o que possibilita um novo repensar acerca de suas ações. [...], pois fica evidenciado que os sujeitos, durante a prática de jogos, vivenciam muito mais que as ações motoras que são exigidas deles. Eles excluem, incluem, questionam, solicitam, discutem e desafiam, aprendendo a cada novo instante a perceber como o meio social responde às suas ações. Por fim, é preciso lembrar ainda que toda ação humana é idealizada a partir de um emaranhado de experiências dos sujeitos, sendo impossível dissociar suas ações de suas histórias de vida. (Rocha et al. 2009, p 244).

Essa interação e convivência constante com seus pares traz um reflexo social que é aprendido com o cotidiano da escola e que futuramente deverá ser reproduzido na sociedade em que esse indivíduo crescerá, assim afirmam Strapasson e Carniel (2007):

Em nossa concepção, a educação física deve propiciar o desenvolvimento global de seus alunos, ajudar para que o mesmo consiga atingir a adaptação e o equilíbrio que requer suas limitações e ou deficiência; identificar as necessidades e capacidades de cada educando quanto às suas possibilidades de ação e adaptações para o movimento; facilitar sua independência e autonomia, bem como facilitar o processo de inclusão e aceitação em seu grupo social, quando necessário.

O jogo é um componente curricular que está inserido em todas as idades na educação física escolar e podemos facilmente encontrar as situações supracitadas nos jogos, elemento esse que para Oliveira (1994, p.43) pode ser identificado da seguinte maneira:

O jogo é a forma mais simples e natural para o desenvolvimento de um sentimento grupal, é o elemento da cultura que contém maiores possibilidades para sociabilizar (tornar sociável) e também socializar (estender vantagens particulares ao grupo). No jogo, a administração do choque de interesses individuais acontece numa atmosfera liberal. O jogo, enquanto ação livre, oferece reais oportunidades para o exercício da democracia. A dinâmica do jogo permite a emergência de valores genuínos, em lugar daqueles que, normalmente, são impostos. (Oliveira,1994, p.43).

Ainda para Rocha et al. (2009, p.244) “A interação social se constitui, [...] num espaço de construção e experimentação. Um lugar para que os sujeitos percebam o meio social e posicionem-se sobre as situações, o que possibilita um novo repensar acerca de suas ações”, ou seja o jogo proporciona dentro das suas regras e ludicidade uma práxis constante que o faz refletir e interagir de diversas maneiras com seus pares e com os professores.

Os Esportes

O esporte também é uma grande ferramenta para o desenvolvimento do aluno, ao entender e respeitar as regras e terem a maturidade de adaptá-las para que todos possam participar das atividades é um ponto de extrema importância para o desenvolvimento desses alunos, para Ribeiro (2009, p.119) “Inserir o esporte adaptado significa seguir um princípio importante na inclusão: a democracia. Esta oportunizará aos alunos com deficiências vivenciar as mesmas experiências que os demais.” Desta maneira todos estarão inclusos na atividade mesmo com suas dificuldades se sentirão participantes da mesma prática, a autora ainda defende que:

Mesmo que as experiências lhes tragam a frustração de não ter obtido êxito, na continuidade o professor poderá refletir juntamente com o aluno se ele se esforçou como poderia ou não. Tal experiência trará subsídios importantes na formação do aluno que repercutirão em outros momentos de sua vida[...] (Ribeiro 2009 p.119).

A visibilidade da pessoa com deficiência sempre foi algo questionado, com o passar das décadas muitos conseguiram sair da margem da sociedade e conviver como iguais no meio dos ditos “normais”, os esportes tiveram seu papel importante nessa visibilidade como foram os jogos paralímpicos que tiveram sua primeira competição em 1960 e a cada quatro anos vemos mais e mais participantes representando seus países, Costa e Sousa (2004, p.31) citam em seus estudos que:

A educação física, no nosso entendimento, apesar de parecer contraditório pelo paradigma higienista que sempre reinou em sua história, é uma das áreas do conhecimento que mais se desenvolveu nos últimos anos [...]. Podemos dizer que foi percebendo a diferença e valorizando principalmente a potencialidade dos deficientes que estes avanços puderam ser materializados e, como exemplo, citamos a concretização dos Jogos Paraolímpicos.

Esse crescimento dos esportes paralímpicos no Brasil traz alguns investimentos voltados a pessoa com deficiência como a lei Ângelo/Piva que prevê um repasse de 2% da arrecadação com as loterias federais para o esporte olímpico e paralímpico, Senatore (2006, p.9) ressalta que esses investimentos trouxeram um olhar mais atento ao esporte adaptado, principalmente o esporte escolar onde o comitê paralímpico brasileiro inicia um garimpo por talentos nas escolas de ensino fundamental e médio.

Ainda para os autores Costa e Sousa (2004, p.37) a paraolimpíada não é o grande incentivador de interações sociais, mas, o processo que esses atletas têm que passar para chegar a essa grande competição, esse processo passa em sua maioria pelas aulas de educação física adaptada, que potencializam suas capacidades físicas, mentais e sociais, fazendo dessa maneira que suportem as cargas de treinos futuros e individualizados.

Cultura corporal do movimento

O corpo em movimento é outro ponto fundamental para o desenvolvimento dos alunos e para a construção da sua cultura corporal, onde aprende com o seu corpo e com o corpo do outro os limites e as possibilidades das práticas em grupos e individuais esse ponto também é observado por Salerno e Araújo (2006) que ainda agregam que a vivência da cultura corporal do movimento na educação física “proporciona [...] um espaço aberto à superação de limites com a ajuda de colegas e a intervenção dos

professores, isso vale para cada aluno matriculado nas escolas e não apenas àqueles com necessidades especiais.”

Kunz (1991) apud Daólio (2003, p.26),”concebe a educação física como práxis social, com estreita relação no plano sócio cultural e político, uma vez que deve partir do mundo de movimento vivido pelo aluno” desta maneira o destaque sobre um pensar e agir do aluno nas aulas de educação física está diretamente ligada ao movimento, o autor ainda fala sobre uma cultura de movimento, onde o corpo expressa toda a cultura daquele indivíduo e essa cultura será trazida nas suas relações com os demais colegas de turma e com os professores.

Para Ferreira e Cataldi (2014, p.91) Vale ressaltar que, corpos diferenciados estão conquistando um novo espaço social. Isto nos dá indícios de que, embora trabalhar com respeito à individualidade, numa perspectiva de cooperação, ainda seja uma dificuldade para os profissionais da área, o advir é desafiar tanto os modelos congelados da Educação Física, quanto estes profissionais para atuarem em novas construções pessoais, esportivas e sociais.

Desta maneira o corpo será sempre a expressão de cada indivíduo na sociedade, através dele é que poderá se fazer compreendido, cabe àqueles que o cercam respeitar suas diferenças e aprender a identificar as variações e os limites de cada um, dessa maneira o respeito aos diferentes torna-se um grande agente de inclusão e de quebra de preconceitos.

Inclusão de todos

Dentro de um contexto de inclusão se torna improvável que todos os que estão envolvidos nesse processo não sejam afetados de alguma forma, os que são incluídos tem suas vidas mudadas, por sentirem-se parte de um grupo sem que haja distinções, aos promotores da inclusão, o desnudamento do preconceito e a capacidade de encontrar no outro virtudes e qualidades que passariam despercebidas em momentos segregacionistas para Ferreira e Cataldi (2014, p.91):

Desse modo, é importante apontar que a Educação Física é um espaço que possibilita trabalhar as diferenças corporais, oferecendo a oportunidade de resgatar, fortalecer e divulgar as potencialidades e habilidades de cada aluno, preparando-os para atuarem na sociedade com seus olhares voltados para a diversidade.

Sempre que imaginamos a inclusão falamos de pessoas com deficiência, porém, dentro do ambiente escolar existem diversas formas de inclusão onde todos são afetados de alguma maneira como cita Darido (2012, p.106):

Um programa de Educação Física quando adaptado ao aluno, seja ele portador de necessidades especiais ou não, possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na construção de sua identidade, autoestima e autoimagem, atribuindo-lhe sentimento de pertença.

Sendo assim antes de incluir um outro colega que necessite de algum auxílio diferente os alunos têm que se sentir parte do todo, incluídos e pertencentes daquela comunidade escolar, sem esse sentimento de pertencimento fica praticamente impossível ser um dos agentes de inclusão dentro da realidade da escola.

CONCLUSÃO

A relevância das aulas de educação física no desenvolvimento das crianças nem sempre é valorizada como deveria, muitas vezes a matéria é marginalizada pelos colegas e vista como um conteúdo apenas de diversão e para garantir horários de planejamento para os professores regentes, porém é nesse espaço onde ocorrem diversas práticas democráticas, onde as interações são mais intensas e podem produzir bons frutos desde que bem orientadas pelo professor responsável pela turma.

O professor de educação física deve estar capacitado para atender os alunos e transformar sua aula em um ambiente propício para atividades individuais e coletivas onde todos devem estar inseridos, e para isso a busca constante por formações e atualizações devem permear seu cotidiano, partindo primeiramente dele a iniciativa da busca por esses conteúdos.

Para as pessoas com deficiência essa integração á sociedade é muito importante e para tal as aulas de educação física podem ser o meio mais curto para uma socialização com os demais colegas de turma, como foi visto no levantamento bibliográfico a representação do corpo e seus movimentos são agentes de interação com os demais colegas e com os professores.

O texto apresentado me deixa confortável para afirmar que a educação física é um agente importantíssimo na inclusão de pessoas com deficiência, pois, dentro de sua enorme gama de atividades é notório que os jogos, os esportes e a cultura corporal de

movimento incentivam os alunos a compreender seu papel dentro da sociedade, a intensidade das interações em uma aula bem estruturada e elaborada pode transformar seus atores em sujeitos críticos e formar assim cidadãos mais conscientes das suas responsabilidades.

Essa interação afetará não somente os alunos com deficiência, mas, também os alunos tidos como normais, esses desenvolverão uma visão menos preconceituosa sobre os colegas e terão a possibilidade de enxergar além da deficiência as qualidades que cada um possui, desta maneira serão estimulados a terem pensamentos mais inclusivos e que possam lutar pela equidade, assim todos terão as mesmas oportunidades.

Desta maneira espero que o presente trabalho colabore com as novas pesquisas na área e que sirva de instrumento e incentivo para a busca da evolução da educação física escolar e das pessoas com deficiência para que tenham o respeito e seus direitos garantidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 09 mar. 2022.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 18. ed. atual. Campinas: Papyrus editora, 2010. 175 p.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 1992. 84 p.

COSTA, Alberto Martins Da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira ciência e esporte**, Ca, v. 25, n. 3, p. 27-42, Maio 2004.

DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura: Polemicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados, 2004. 45 p.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 81 p.

DARIDO, Suraya Cristina. **Caderno de formação: formação de professores**. São Paulo: Cultura academica, 2012. 176 p. v. 6.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

FERREIRA, Eliana Lúcia; CATALDI, Carolina Lessa. Implantação e implementação da Educação Física inclusiva. **Revista educação especial**, Santa Catarina, v. 27, ed. 48, p. 79-94, Jan/Abr. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313131527007>. Acesso em: 13 mar. 2022.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZZINI, Eduardo José. Inclusão de Alunos com Deficiência na Aula de Educação Física: Identificando Dificuldades, Ações e Conteúdos para Prover a Formação do Professor. **Revista Brasileira de educação física e esporte**, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, jul/ set 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. 116 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo, SP, Atlas, 2022. 192 p.

JANUÁRIO, Paulo Clepard Silva; OLIVEIRA, André Luis de; GARCIA, Alessandro Barreta. Tendência tecnicista como continuidade da tendência tradicional na Educação Física brasileira. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 17, ed. 167, 1 abr. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd167/tendencia-tecnicista-como-continuidade-da-tradicional.htm>. Acesso em: 9 mar. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Medeiros. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. atual. São Paulo, SP, Atlas, 2017. 229 p.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. Educação especial no brasil: desenvolvimento histórico. **Cadernos de História da educação**, Uberlândia, ed. 7, 1 dez. 2008.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 50 p.

RIBEIRO, Sônia Maria. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física**. Orientador: Maria Cecília Carareto Ferreira. 2009. 169 p. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

SALERNO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Interação nas aulas de Educação Física: a construção de um novo conviver. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 11, n. 102, novembro 2006. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd102/interac.htm>. Acesso em 11 mar.2022.

SENATORE, Vanilton. Paraolímpicos do Futuro: apresentação. In: CONDE, Antonio João Menescal; SOUZA SOBRINHO, Pedro Américo; SENATORE, Vanilton (Orgs.).

Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. p. 9-23.

STRAPASSON, Aline Miranda; CARNIEL, Franciele. A Educação Física na Educação Especial. **EFDeportes.com**, [s. l.], ano 11, ed. 114, janeiro 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-especial.htm>. Acesso em: 11 mar. 2022.